



ARTELETRA EM TRÂNSITO

ÁLVARO FALEIROS | FERNANDO VILELA



ARTELETRA EM TRÂNSITO é uma travessia por meio de imagens de Fernando Vilela e poemas de Álvaro Faleiros. É um convite feito para crianças e adultos de todas as idades entrarem em mundos inventados, nascidos do diálogo entre gravuras, poemas, narrativas, pinturas, desenhos, frutos de exposições e de livros ilustrados. Nesta ocupação, pela primeira vez, são expostas as obras originais — algumas acompanhadas de estudos, processos e esboços —, além de trabalhos inéditos, pensados especialmente para esta exposição.

A primeira sala compreende poemas e gravuras dos livros *Caracol de nós* e *À flor do mal*. O poema-paisagem *Invento no vento* é contemplado na sala ao lado. Na terceira sala do térreo, a exposição *Enquanto isso* é revisitada pela poesia e acompanhada por poemas e imagens do livro *Meio mundo*. A quarta e última sala nos conduz ao universo de histórias ilustradas sobre haicais, adivinhas e à história de um intrigante vaga-lume.

PRA COMEÇO DE CONVERSA *por Viviana Bosi*

Esta árvore dá pitanga, e aquela, jabuticaba. O vento balança os galhos de uma em direção à outra, cada qual com suas próprias frutas de sabor especial. Mas será que as raízes conversam entre si? Na mata brasileira, as árvores são parceiras, como os artistas proseando sem fim, com olhares e cores, ou com sons de vento e música. Amizade que vai crescendo, como liames de cipó a se enredar entre os troncos. Se Fernando rima na gravura, Álvaro desenha linhas no poema.

Cada série de trabalhos brotou de uma floração ímpar, com tons diversos uns dos outros. Os matizes são múltiplos, desde o cacto que nasce no árido até a leveza do sol dominical. Como mosaicos ou búzios que giram e caem em posições inesperadas, com configurações variáveis, Álvaro e Fernando vão revelando outras faces, máscaras, estilhaços da memória. A vivência de ambos combina visões de dança no vento, e, também, ecos de violência, opressão, grito.

Há trabalhos de invenção colorida, para brincadeira e acalanto de enamorados. Há, igualmente, com muita força, denúncia e ironia. Como essa vida nossa, fraturada entre momentos tranquilos de café e amor, enquanto homens e mulheres gemem com o lamento na garganta sob a coerção do poder.

Álvaro compôs a elegia urbana deste país que espezinha o pobre, em suas flores do mal contemporâneas; Fernando absorveu dores e alegrias simultâneas, abarcando num painel sincrônico as horas negras e azuis do mundo, que contêm tanto a serenidade radiante da praia quanto o agressivo trompete militar.

Assim, os aventureiros que explorarem esta exposição encontrarão surpresas alternadas: vibração de choque ou acolhimento. São os giros de caracóis, emaranhando os nós e a nós, que vamos cruzando e costurando linhas junto aos dois artistas para transitar nessa teia-estrela feita de brilhos e espinhos.



TROVEJA

troveja agora na casa do vento
recolhemos nossos desaparecidos

melhor chorar assim
tricotando as horas

com os cachos dos cabelos
caindo sobre os olhos

apanhar com a mão
a lembrança que escorre

entrar no puro
pelo dardo da doçura

deitar cedo para melhor chorar
limpar os olhos

... há sempre um estreito a se atravessar...

e depois
ir por onde deslizavam as estrelas

assim revemos o rosto vivo
que o tempo cega

e assistimos à água que cai

REVERSIBILIDADE

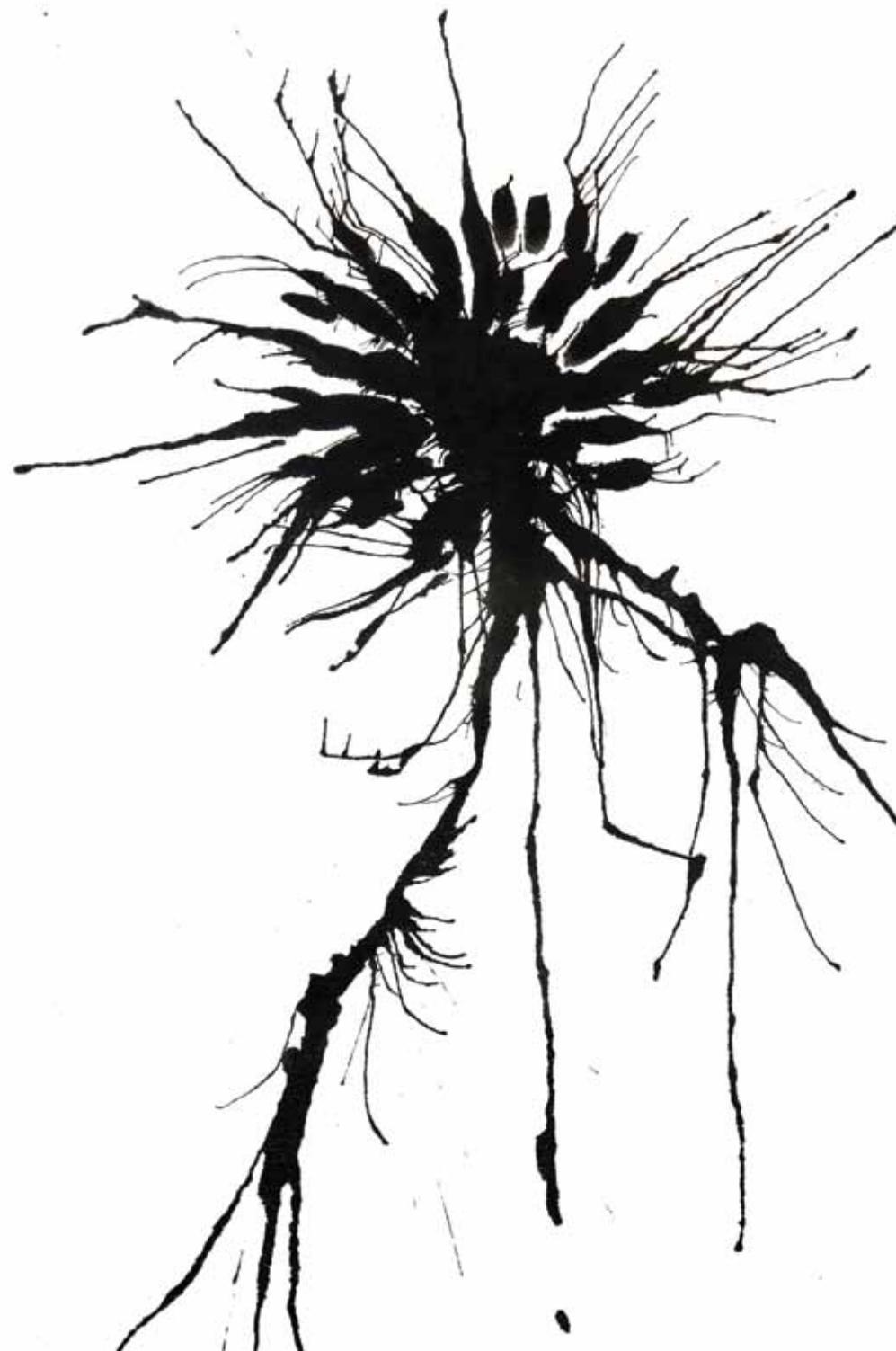
O sopro da alegria conhece a tristeza
A vergonha a miséria o remorso e o choro
E o sufoco que à noite nos tira do sono
Amassando o peito feito papel de seda
O sopro da alegria conhece a tristeza?

O sopro da bondade conhece o ódio
Suas lágrimas de fel seus punhos fechados
Que cede à vingança de olhos esbugalhados
E nos cega e nos crispa diante do óbvio
O sopro da bondade conhece o ódio?

O sopro da saúde conhece a febre
Que habita hoje nas mentes das redes sociais
Onde se destila a fome dos animais
Que fizeram de sua alma um débil casebre
O sopro da saúde conhece a febre?

O sopro da beleza conhece as rugas
E o medo de envelhecer e a angústia da morte
E o horror de saber-se entregue à própria sorte
Das tramoias da vida tão cheias de rugas
O sopro da beleza conhece as rugas?

O sopro da vida nos traz a sua luz
E na noite escura rebrilham estrelas
E os risos das crianças regam as estelas
E o perfume mais doce cobre os corpos nus
O sopro da vida nos traz a sua luz?





a memória
conta os dias
que recolhe
em seu colar

do livro *Meio mundo*

Sem título, 2007 carimbo sobre papel



ENQUANTO ISSO

sim um cacto observa a aridez do mundo
e aquela negra – mais uma –
espera esquecida subir o seu café

disposto lento na taça
esquecido também no longe do pensamento
seria silêncio talvez

não fosse rasgado
por algum metal da memória
duro instrumento que nos corta o ar

soprado doído a ponto de estourar
o tímpano imenso tambor de humor cansado
e segue entre os olhos a aridez imóvel do cacto

ai dor que transborda das antigas dores derramadas
dor de sentir no ouvido o frio de uma arma
a dor do corpo por um automóvel lançando no asfalto

ai a força dos tempos nos rasgando com seus chifres
metralhadoras engatilhadas
para onde apontam?

nos acertam agora
enchem de chumbo o céu futuro
seguem sangrando o passado

em que estranha urna se enterram os teus sonhos?
em que boia se sustenta o teu corpo?

sempre haverá esperanças abraçadas em algum azul



no pico deste dia
sussurra a hora vazia

do livro *Invento no vento*, 2019
Invento, 2015 óleo sobre papel



INVENTO NO VENTO por *Sophie Van der Linden*

O vento não pode ser mostrado. Invisível ao pintor, figurá-lo é praticamente inexequível. Claude Monet, na série “Choupos, efeito do vento” (1891), tentou exprimir a agitação das folhas, seu rumorejar e as sensações do espectador na natureza por meio de composições oblíquas. A fragmentação das cenas representadas é realizada por meio de pinceladas isoladas e delicadas. Em 1969, o artista e designer italiano Bruno Munari divertia as crianças ao fazê-las lançar pedaços de papel recortados do alto de uma torre para “dar a ver o vento”. Seus livros requintados abriram o caminho do grafismo na literatura infantil.

Fernando Vilela, neste livro, se coloca na linhagem desses dois grandes artistas, entre impressionismo e grafismo. Aqui, ele consegue, como raramente acontece, não somente dar a ver, mas também dar a sentir o vento. O enxuto texto poético de Álvaro Faleiros recebe uma ilustração fiel e, além disso, enriquece os brancos do texto com um universo igualmente poético e vetor de imaginário. Entre a força e a gravidade do negro e a leveza e o movimento das cores, o leitor se encontra tomado por um torvelinho a voar fecundo.

Sophie Van der Linden é teórica e crítica do livro ilustrado.

Invento, 2015 óleo sobre papel



ACHANDO A CHAVE por *Augusto Massi*

Séculos atrás, os poetas descobriram uma chave que pode abrir muitas portas. Eles inventaram a rima. Combinação mágica que busca uma semelhança sonora entre palavras. Lembra as senhas atuais que criamos e guardamos na memória. Há diversos tipos de rima que, como as senhas, desbloqueiam as portas externas e internas do poema. A rima perfeita é um abracadabra.

Achando a chave, de Álvaro Faleiros e Fernando Vilela, é um livrinho cheio de adivinhações e charadas. Quem descobrir a rima que conclui o verso final terá acesso a todos os espaços da casa: sala, cozinha, banheiro, quarto. O pequeno leitor será constantemente desafiado pelo jogo das palavras.

Neste belo livro, construído em regime de total parceria, as imagens contemplam as palavras, os leitores completam os autores, os segredos convidam à descoberta.

Augusto Massi é poeta, editor e professor de literatura brasileira na USP.

Achando, 2015 carimbo sobre papel

do livro *Achando a chave*

Achando, 2015 carimbo sobre papel



古池や
蛙飛込
む
水の音

Bashô



velho tanque
a rã pula
barulho de água

do livro *O sapoeta*

O sapoeta, 2013
naquim sobre papel





“O mundo é cheio de surpresas!”
Exclama Vadinho encantado,
Vagando pelo gramado.

do livro *O voo do Vadinho*
Vadinho, 2014 carimbo, nanquim
e xilogravura sobre papel

ÁLVARO FALEIROS

é professor livre-docente de literatura francesa na USP, poeta e tradutor. Seus mais recentes livros de poemas são *Caracol de nós* e *À flor do mal*, com ilustrações de Fernando Vilela, ambos publicados em 2018 pelo selo Demônio Negro. Como tradutor, publicou, entre outros, *Calligramas*, de Guillaume Apollinaire (Ateliê/UnB, 2008; 2ed2019) e *Um lance de dados*, de Mallarmé (Ateliê, 2013; 2ed 2017). Como crítico de tradução publicou recentemente *A retradução de poetas franceses no Brasil: de Lamartine a Prévert* (com Thiago Mattos; Rafael Copetti, 2018) e *Traduções canibais: uma poética xamânica do traduzir* (Cultura e Barbárie, 2019), também lançado na Colômbia com o título *Traducciones canibales: una poética chamánica del traducir* em tradução de Carolina Villada Castro (coedição Editorial Universidad de Los Andes e Editorial Universidad de Antioquia). [/alvaro.faleiros](#)

FERNANDO VILELA

é artista, autor, ilustrador de livros e professor, vive e trabalha em São Paulo. Utiliza diversas linguagens, como gravura, desenho, colagem, escultura, instalação e fotografia. Realizou exposições na Pinacoteca do Estado de São Paulo, no Centro Cultural São Paulo e foi contemplado pelo *Prêmio Funarte de Arte Contemporânea*. No exterior, expôs na Bélgica, França, Espanha, Portugal, Estados Unidos e México. Possui obras nas coleções do *MoMA* de Nova York, no Museu de Arte Moderna de São Paulo e na Pinacoteca do Estado de São Paulo. Como autor e ilustrador, já publicou em 10 países. Dentre seus livros premiamos destacam-se *Lampião e Lancelote* (Ed. Zahar, 2007), *Cacería* (Ed. Babel, 2014, Colômbia), *Los heróes del Tsunami* (Ed Ekaré, 2016, Espanha/Venezuela) e *Along Tapajós* (Ed. Two Lions, 2020, Estados Unidos). Por seus livros ilustrados recebeu cinco prêmios Jabuti e a menção honrosa Novos Horizontes do Prêmio Internacional Bologna Ragazzi Award. www.fernandovilela.com.br [/fernando.vilela](#)

AGRADECIMENTOS

Rita Jover-Faleiros, Stela Barbieri, Alice Ruiz, Augusto Massi, Cristiane Mateus [Positivo], Marcelo Tápia, Mariana Zahar [Pequena Zahar], Bianca e Sabrina [Livraria Martins Fontes], Pedro Garcia [Refúgio Design], Plínio Martins [Ateliê Editorial], Potira Cunha, Samuel León [Iluminuras], Sophie Van Der Linden, Tércio Redondo, Vanderley Mendonça [Demônio Negro], Viviana Bosi.

Imagem da capa do livro *Invento no vento*, 2015, óleo sobre papel, 56 x 52cm

Todas as imagens desta publicação são de autoria de Fernando Vilela e os poemas são de autoria de Álvaro Faleiros



ÁLVARO FALEIROS & FERNANDO VILELA 25 ANOS

Coágulos (Iluminuras, 1995), livro de poemas de Álvaro Faleiros foi vencedor do Prêmio Estímulo da Prefeitura de Campinas. No lançamento desse livro, houve exposição de gravuras de Fernando Vilela, duas das quais retomadas numa segunda publicação, **Transes** (L.A.U., 2000), em colaboração com o poeta francês Dominique Martin.

Meio mundo (Ateliê Editorial, 2007) é um livro de poemas de Álvaro que ganhou ilustrações de Fernando – gravuras, desenhos, pinturas – que abrem cada parte da publicação. Aqui, os mundos desses dois artistas se cruzam no encontro da narrativa gráfica de Vilela com a narrativa poética de Faleiros.

O sapoeta (Iluminuras, 2013) é um livro cujo texto nasceu de uma aula de poesia, e as imagens se constituem de contrastes gráficos e cromáticos.

O voo de Vadinho (Zahar, 2014) conta a história do dia de um vaga-lume. Aqui, o texto desenha como um rastro de Vadinho, e a ilustração abre espaços, criando uma narrativa que viaja pelas personalidades dos insetos que ali se dão a ver. Do livro, nasceu o CD *Insetos no céu*.

À flor do mal [transpirações baudelairianas] e **Caracol de nós** (Demônio Negro, 2018) são dois livros lançados conjuntamente em que há uma conversa entre os poemas de Álvaro Faleiros e os desenhos de Fernando Vilela.

Acharo a chave (Positivo, 2020) é uma obra que começou a ser trabalhada em 2004 e passou por muitas versões. Nela, adivinhas convidam o leitor para passear com um menino e um cão por uma casa.

Invento no vento é um livro ainda inédito que começou com um conjunto de “haicais surrealistas” de Álvaro, inspirados em Paul Éluard. A partir deles, Fernando fez uma sequência de desenhos em três cores que constroem uma narrativa visual.

Enquanto isso é uma obra de Fernando Vilela que foi exposta na Biblioteca Mário de Andrade em 2019.

ÁLVARO FALEIROS | FERNANDO VILELA

ARTELETRA

EM TRÂNSITO

 /arteletraemtransito

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador do Estado de São Paulo

João Doria

Secretário de Cultura e Economia Criativa do
Estado de São Paulo

Sérgio Sá Leitão

Secretária-Adjunta de Cultura e Economia
Criativa do estado de São Paulo

Cláudia Pedrozo

Chefe de Gabinete de Cultura e Economia
Criativa

Frederico Mascarenhas

POIESIS – Organização Social de Cultura

Diretor Executivo Clovis Carvalho

Diretor Administrativo Financeiro Plínio Correa

Assessora Técnica Maria Izabel Casanovas

MUSEUS-CASAS LITERÁRIOS

Diretor Marcelo Tápia

Museólogo Ivanei da Silva

Supervisora dos Núcleos de Ação Educativa

Alexandra Rocha

VISITAÇÃO

de 6 de fevereiro de 2020

a 29 de março de 2020

Terça-feira a sábado, das 10 às 22h

Domingos e feriados, das 10 às 18h.

(Passível de alteração, de acordo com a
programação).

ARTELETRA EM TRÂNSITO

Artistas e Curadores Álvaro Faleiros e

Fernando Vilela Curadoria Educativa

Stela Barbieri Projeto Gráfico e Projeto

Expográfico Fernando Vilela Produção

Executiva Agência de Ideias/ Tânia Oda

Produção de Arte ARTEBR e Bináh Espaço

de Arte / Carina Tiyoda Produção

Gráfica Conta Fio/Aldir Mendes e

Marcelo Souza Iluminação Fernanda

Carvalho Mobiliário Refúgio Design

Montagem André Azevedo e Federico

Gomes Vídeo Diego Denardi Textos

Viviana Bosi, Sophie Van Der Linden,

Augusto Massi, Álvaro Faleiros, Fernando

Vilela Revisão Potira Cunha Produção

Agência de Ideias Produção artística

Bináh Espaço de Arte e ARTEBR

CASA DAS ROSAS

ESPAÇO HAROLDO DE CAMPOS

DE POESIA E LITERATURA

+55 (11) 3285.6986 | 3288.9447

contato@casadasrosas.org.br

Av. Paulista, 37 • Bela Vista

01311-902 • São Paulo • Brasil

 /casadasrosas

Apoio



Apoio Institucional



Produção



Realização

ARTEBR

